

Infância, experiência e educação em Walter Benjamin

Maria Angelica Cezario¹

Resumo. O presente artigo tece reflexões em relação a infância, experiência e educação na perspectiva de Walter Benjamin. Traz como problemática o que a falta de experiência pode ocasionar aos homens na atualidade, especialmente as crianças que desfrutam de suas infâncias. Essas indagações são pertinentes ao considerar que os brinquedos e as brincadeiras podem ser valorizados na infância como instrumentos favoráveis a elaboração da experiência e composição da linguagem. A metodologia adotada foi ensaio teórico realizado por meio da leitura e análise dos textos de Benjamin e de seus leitores. Ao apresentar as contribuições de Benjamin, conclui-se que a educação pode contribuir para a valorização da experiência na infância favorecendo momentos em que as crianças desfrutam de seus brinquedos e brincadeiras de forma criativa e espontânea.

Palavras-chave. Infância; Educação; Benjamin; Brinquedos; Brincadeiras.

1 Introdução

Na atualidade, a infância possui destaque ocupando as discussões da educação e sociedade atual. As instituições de ensino preveem em suas políticas assegurar à criança um espaço para se expressar e construir seu próprio mundo de significados. Ao mesmo tempo em que pressupõem essas vantagens, corroboram, sobretudo, para que as crianças incorporem certos hábitos, conhecimentos e condutas previstas, exigidas pela tradição escolar em tempos e espaços específicos, provocando limitações.

Com os avanços sobre as discussões sobre a infância, muitos estudos ainda concebem-na como um período da vida destinado à construção de saberes escolares e apropriação de informações, para que, na vida adulta, as crianças estejam preparadas frente os desafios da sociedade. Como um tempo de treinamento para as exigências futuras, as crianças perdem a possibilidade de construir suas próprias experiências, minimizando a chance de serem protagonistas de suas próprias manifestações ao utilizarem seus

¹ Mestre em Educação. Docente do Instituto Federal do Pará - (IFPA). E-mail: mangelicacezario@gmail.com

brinquedos e brincadeiras de forma criativa e espontânea.

Assim, Benjamin (2007) realiza reflexões a respeito da criança, da infância e da educação, opostas aos discursos vigentes. Postula questões que merecem atenção quando reflete sobre a aceleração da informação, a falta de experiência e possibilidade de romper com essa lógica ao considerar a infância como um tempo favorável à experiência. Tanto professores quanto pesquisadores buscam compreender melhor as crianças e suas especificidades, fazendo dessa temática importante. A natureza desse texto é de ensaio teórico e objetiva tecer reflexões em relação a infância, experiência e educação na perspectiva de Walter Benjamin.

Para tanto, esse artigo está dividido em quatro partes. A primeira discute a especificidade da experiência benjaminiana que coloca em cheque a falta de consistência do homem moderno frente ao aligeiramento dos fatos da vida. Benjamin acusa uma emergente pobreza de experiência, cujo marco acontece depois de um evento específico. No entanto, essa falta de experiência não acontece apenas com os adultos, mas também com as crianças. É nesse ínterim que o autor analisa a condição da experiência dos homens vista de modo contrário ao mundo moderno, ou seja, um olhar que observa e denuncia que os homens se tornaram mais medíocres por não conseguirem fazer experiência como antes, presos a um acúmulo crescente de informações vazias. Nessa conjuntura, as crianças acabam limitadas em relação a possibilidade de criar enrijecidas pela administração de suas ações.

Na segunda parte, o texto elucida o discurso escolar que envolve as crianças desde pequenas e que não possibilita a construção da experiência, uma vez que cristaliza as possibilidades do brincar e de ressignificar aspectos já estabelecidos pelos adultos. Como uma possibilidade de romper com o já instituído, e também de revisitar o antigo, a noção de experiência é posta como um conceito fundamental na infância para Benjamin e seus leitores.

Na terceira seção, é ressaltado a brincadeira e o brincar, sustentados pela linguagem, como uma forma de construir a experiência na infância. A educação, ao invés de minimizar essa possibilidade, deve favorecer momentos em que as crianças desfrutem de seus brinquedos e brincadeiras de forma criativa e espontânea. A noção de infância se dá de modo a concebê-la de forma diferente da vida adulta, e que por isso não pode ser

minimizada em seu potencial como um tempo, apenas, de preparação para as etapas subsequentes da vida. A linguagem, nesse contexto, sustenta a narração para a construção da experiência, pois sem ela não é possível elaborá-la. Essa linguagem pode ser encontrada nos jogos e brincadeiras que as crianças utilizam em suas representações, uma alternativa que deve ser estimulada pela Pedagogia e educação.

Por fim, as considerações finais demonstram que os contributos de Benjamin podem ser relevantes para a educação na infância e a necessidade de considerar o brinquedo, a experiência e a linguagem para além dos aspectos didáticos. Aponta que a infância, na ótica de Benjamin, é um tempo que merece ser refletido e estudado e, sobretudo, favorável a experiência.

2 Menos pressa, mais experiência!

Crítico de seu tempo, o filósofo alemão Walter Benjamin (1892-1940), nascido em Berlim, teceu contestações a respeito da condição humana na modernidade e também sobre a Pedagogia e suas técnicas. Seus conceitos estão enraizados na experiência, tradição e memória, semeados no decorrer de suas obras, as quais, muitas vezes, reflete sobre a infância, buscando descrevê-la com um olhar de criança. As obras de Benjamin (2007) deixam preciosas indagações e pensar a criança e a infância transcendendo o discurso educacional vigente. O autor marca, portanto, o século XX, com pressupostos que não poderão ser esquecidos.

Benjamin (2007) presenciou a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), na qual o homem encontrou as mais desumanas formas de violência e denunciou a falta de experiência ocasionada pelos irrefletidos fatos despercebidos que se passam pela vida. Ressaltou que as situações do dia a dia não se conectam e afetam o subjetivo dos homens, tornando-se, apenas, vivências. Essa situação aconteceu com os soldados quando os voltaram das trincheiras sem saber, exatamente, o quê enunciar sobre um acontecimento tão avassalador.

A ausência de narratividade e de elaboração dos fatos que aconteceram foi identificada pelo filósofo como um momento de pobreza de experiência genuína. Apesar

dos oficiais terem presenciado diversos fatos, ao retornar da guerra sem saber refletir sobre ela, trouxeram junto ao seus silêncios a incapacidade de narrar fatos, o que, nas percepções de Benjamin, foi o marco da decadência da experiência.

Olgária Matos² (2009) explica que a experiência tem sua origem na palavra *erfahrung*, que vem do alemão, e significa “atravessar uma região durante uma viagem por lugares desconhecidos” (MATOS, 2009). Essa palavra também envolve a vivência do novo, do inusitado, da implicação do sujeito no processo de ressignificação do mundo. Nesse sentido, experiência é aquilo que se adentra ao mundo empírico, que possui valor sensível, que nasce no seio da vida humana e que com a narrativa faz-se de maneira compartilhada transitando no passado e futuro.

Concordando com Matos (2009) e refletindo sobre a palavra “*erfahrung*”, Bondía (2002) no texto “Notas sobre a experiência e o saber de experiência” explicita os diferentes significados da palavra experiência. Bondía (2002, p.25) afirma que a partícula *fahren* significa “viajar” originada de “*gefahr*” indicando risco e “*gefährden*” ameaça. Descreve que em latim origina-se da palavra “*experiri*”, significando “provar (experimentar)”. Em grego, significa caminho, acesso, “derivados dessa raiz que marcam a travessia, o percorrido, a passagem: *peirô*, atravessar; *pera*, mais além; *peraô*, passar através, *perainô*, ir até o fim; *peras*, limite”. Ainda mais, afirma que “A palavra experiência tem o ex de exterior, de estrangeiro, de exílio, de estranho e também o ex de existência”.

Em ambas expressões, a palavra experiência remete do sujeito atravessando uma passagem, aventura ou ameaça. Em linhas gerais, a palavra experiência remete não ao sujeito da razão, do cognitivo, mas o sujeito da especificidade, transitório e contínuo (BONDÍA, 2002, p. 25).

Na obra *Reflexões sobre o brinquedo, a criança e a educação*, Benjamin (2007) explica melhor a noção de experiência. No próprio texto “Experiência”, afirma que ela é uma ação da vida cotidiana que mexe com a sensibilidade e traz autoridade, portadora de subjetividade, mas infelizmente o homem quase não a possui. Enuncia que a experiência

² Palestra proferida originalmente no dia 08 de junho de 2009 no programa A invenção do contemporâneo do Instituto CPFL Cultura da TV Cultura e disponibilizada no dia 09 de junho de 2009 na Tv e internet. Acesso: <http://www.institutocpfl.org.br/cultura/2009/06/09/integra-tempo-sem-experiencia-olgaria-matos/>

do adulto se encontra disfarçada, rígida, repetindo a mesma lógica, sendo impermeável. Pelo fato de o adulto já ter experienciado determinadas situações, fecha-se a possibilidade do novo, abrindo espaço para o desgosto e o comum. Inflexível pelo fato de acreditar ser portador das mais diversas experiências que a vida lhe proporcionou, enuncia, com ares de triunfo, que nenhuma novidade o espera.

Ao demonstrar a limitação da experiência que os adultos ou os mais experientes julgam ter, Benjamin (2007) sinaliza que essa experiência não se traduz na experiência verdadeira que outrora liberta o homem do tédio. Apoiando-se somente em situações anteriores, a experiência do hoje passa de forma momentânea, escapando o novo, o imprevisto. Afixado no ontem, o homem sem experiência é como o filisteu que, para Benjamin, encontra na vida um desalento enraizado no passado sem sentido. Incapacitado de ver a grandeza da vida, o filisteu segue estéril. Sem a busca pelas experiências, vivencia o seguro, rumo ao encontro da monotonia.

Todavia, a experiência “possui conteúdo” e a busca por ela pode causar aflição ao tentar encontrar uma essência (BENJAMIN, 2007, p. 23). Este conteúdo não está relacionado a utilidade ou aplicabilidade, mas ao sentido que o próprio sujeito, de modo singular, lhe confere. O caminho para a experiência não pode ser quantificável e, quando surge, cada trajetória será incomum. Nesse sentido, a vida adulta, endurecida pelo amontoado de circunstâncias passadas, reproduz o que já aconteceu e só pode ser ressignificada se retomar as memórias do passado da juventude e de sua infância.

Conforme já assinalado, Bondía (2002) ao se referir sobre a palavra experiência, acrescenta que significa aquilo que acontece, mexe com os sentidos e se efetiva, mas que nem tudo que se passa pela vida chega a ser significativo ao ponto de ser uma experiência. Ao se referir a Benjamin, destaca que na atualidade os homens estão cerceados por informações e acontecimentos em larga escala, mas que estas não se configuram propriamente em saberes ou, especificamente, em experiências.

Portanto, para que haja experiência é necessário que os acontecimentos sensibilizem os sujeitos. Sobre isso, Bondía (2002) exemplifica que, em situações cotidianas, como assistir a uma aula, ouvir uma palestra etc., entramos em contato com um conhecimento novo ficamos admirados com o número de informações apreendidas. É possível ampliar o

número de informações por meio dessas ações, mas não propriamente afirmar que as mesmas foram significativas ao ponto de se provocarem reflexões mais profundas ou se tornarem, propriamente, conhecimentos.

Ao perseguir informações para se manter atualizado, o sujeito que busca estar informado se distancia da experiência, já que aglomera informações sem significá-las. Esse acúmulo acarretará em conhecimentos desarticulados com sua própria vida, que cada vez mais se encontra esvaziada de compreensões em detrimento de uma utilização instantânea dos fatos.

A diferença entre estar informado e construir experiência acontece quando é possível distinguir que o saber genuíno não se dá apenas no acúmulo de notícias ou informes, e muito menos nos sentidos das informações já significadas. Com opiniões formadas e pouco espaço para reflexão, o “periodismo”, que pode ser entendida como uma verdadeira produção de opinião em massa, ofusca a possibilidade do sujeito construir sua própria autenticidade. Dito de outra forma, esse periodismo seria a instrumentalização das ações humanas automatizadas pela rotina. Nessa lógica, a informação não permanece ao lado da experiência, mas contrapõe a ela tornando-se uma espécie de “antiexperiência” (BONDÍA, 2002, p. 19 e 21).

Nessas linhas conceituais, o sujeito que vive o instantâneo, buscando sempre se atualizar incessantemente a produção de informação, é cerceado por um conjunto de saberes em fluxo contínuo, sem por eles ser sensibilizado. Portanto, as velozes situações do cotidiano, a impossibilidade de se conectar ao significados desses acontecimentos e a falta da construção de lembranças significativas, são entraves para a construção da experiência.

Sobre falta de tempo, Bondía (2002) acusa que esse elemento também é um infortúnio para a elaboração da experiência. A rapidez em que os eventos escolares e acadêmicos, da vida acometem os humanos é fugaz e isso tem uma consequência avassaladora. A falta de tempo impossibilita que os sujeitos tenham tempo para pensar sobre as passagens de sua própria existência.

Dirigida pelo instantâneo, pelo provisório e temporário, a relação do homem com o tempo, com sua vida e com os acontecimentos torna-se trivial. Essa correspondência entre falta de tempo, ausência de significados e pobreza de experiência reduz o fluxo da vida em meros amontoados de vivências.

Nessa lógica, os mecanismos escolares que colaboram para a construção de sujeitos consumidores da informação instantânea, vazia de significados com opiniões pré-formadas, empobrecem o que a experiência genuína pode oferecer. Na educação das crianças, por exemplo, o tempo precisa ser preenchido constantemente com atividades de caráter pedagógico para oferecerem vantagens educacionais a favor das aprendizagens. Com isso, o tempo de brincar, de refletir, de criar e, sobretudo, de fazer experiência, é dirimido em virtude dos conteúdos informacionais.

3 A infância como possibilidade de alteridade

A criança, sujeito da educação na contemporaneidade, vivendo sua infância, é significada pela escola como sendo o centro do processo educacional. Deste modo, discursos em torno da criança têm sido produzidos gerando sentidos e representações na sociedade, configurando um ideal de infância e também de criança. No entanto, a infância não pode ser expressa apenas pelo discurso escolar, concebida como o sujeito da aprendizagem e desenvolvimento cognitivo.

Refletindo sobre as crianças, Larrosa (1993) salienta que a chegada delas ao mundo expressa a condição de todos os homens, uma vez que biologicamente os humanos adentram o mundo pelo nascimento. Por um lado, a cada nascimento, um tempo cronológico, inserido no período da vida chamado infância, acomete os sujeitos, o qual todos passam. Por outro, com a inauguração da vida, surge a possibilidade da interrupção do percurso dos homens, já que, apesar de nascerem iguais, formulam itinerantes diferentes.

Mas o nascimento não só introduz os sujeitos no mundo como também propicia a intermitência do novo. Nas palavras do autor, o nascimento

Não é o momento em que colocamos a criança numa relação de continuidade conosco e com nosso mundo (para que e converta em um de nós e se introduza em nosso mundo), mas o instante da absoluta descontinuidade, da possibilidade enigmática de que algo que não sabemos e que não nos pertence inaugure um novo início. Por isso, o nascimento não é um momento que se possa situar numa

cronologia, mas aquilo que interrompe toda cronologia (LARROSA, 1993, p. 187).

Se a cada nascimento a possibilidade da alteridade se efetiva, a aproximação da infância e experiência acontecem, dado que a infância é um terreno fértil para a construção do único, ou seja, daquilo que ainda não foi plenamente significado. É na descontinuidade do universo dos adultos, gerada pela entrada das crianças no mundo, que a infância tem sua possibilidade de rompimento com as estruturas já consolidadas.

Nessa mesma direção, Gagnebin (1997) reafirma que a infância está ligada à experiência, visto que nela as sensações sobre o mundo e as pessoas que o cerca formam a identidade do sujeito. Destaca que Benjamin em suas obras procura realizar uma experiência com a infância ao descrever detalhes sobre ela.

Assim, Gagnebin (1997, p. 97) elucida que a experiência da infância benjaminiana pode ser caracterizada pelo olhar do adulto em relação ao seu passado quando este reflete sobre “a experiência daquilo que poderia ter sido diferente, isto é, da leitura crítica do presente da vida adulta”. Também postula que a infância como o lugar da não-formação, do não engessamento, da possibilidade de elaboração do mundo diante daquilo que não foi plenamente compreendido e dominado sendo espaço que contém “[...] a experiência preciosa e essencial do homem do seu ajustamento em relação ao mundo, da sua insegurança primeira, enfim da sua não-soberania” (GAGNEBIN, 1997, p. 98).

A experiência infantil também pode ser entendida, nos escritos de Benjamin, como diferente da experiência do adulto. A criança, ao contrário dos mais velhos, repete suas brincadeiras como forma de elaborar sua própria experiência: “A essência do brincar não é um “fazer como se”, mas um “fazer sempre de novo”, transformação da experiência mais comovente em hábito” (BENJAMIN, 2002, p. 102).

Sendo assim, a experiência da infância é lugar de elaboração, de repetição e de memória do passado em relação àquilo que não se cessa e possibilidade de transformação do porvir, pois está inacabada e foge ao domínio dos adultos. Entre a rememoração do passado e a possibilidade do futuro, a experiência na infância se instaura como um possibilidade de formação de um novo homem que ressignifica sua vida, ou que pode construí-la de forma incomum.

4 A brincadeira, o brinquedo e a linguagem

No texto “Velhos brinquedos”, Benjamin (2007) explora esses artefatos como sendo objetos de grande significado para diversas áreas do conhecimento destacando seu encantamento pelos brinquedos. No entanto, salienta que sua atração por eles “Não se trata de uma regressão maciça à vida infantil” quando deseja brincar (BENJAMIN, 2007, p. 85). Explica que o brincar é uma maneira de libertação e criação de significados próprios que o sujeito encontra em si mesmo e não pode ser explicado na ordem da utilização e instrumentalização escapando a lógica da reprodução.

Sobre isto, ressalta:

Coisas do tipo não se encontram evidentemente na exposição. Mas há algo que não pode ser esquecido: jamais são os adultos que executam a correção mais eficaz dos brinquedos – sejam eles pedagogos, fabricantes ou literatos -, mas as crianças mesmas, no próprio ato de brincar. Uma vez extraviada, quebrada e concertada, mesmo a boneca mais principesca transforma-se numa eficiente camarada proletária na comuna lúdica das crianças (BENJAMIN, 2007, p. 87).

Para o filósofo, os brinquedos são possibilidades de se fazer experiência justamente por oportunizarem a criação de enredos originais em um universo, mas por causa técnica, em que tudo deve estar atrelado a uma utilidade imediata, essa oportunidade é anulada. Opondo-se à perspectiva da Pedagogia burguesa em instrumentalizar aquilo que é da ordem do sensível e que valoriza apenas a criança se escolarizando, recebendo educação formal, Benjamin (2007) rememora seu tempo de escola como sendo penoso.

[...] conhecemos outros pedagogos cuja amargura não proporciona nem sequer curtos anos de “juventude”; sisudos e cruéis querem nos empurrar desde já para a escravidão da vida. Ambos, contudo, desvalorizam, destroem nos nossos anos. E, cada vez mais, somos tomados pelo sentimento de que a nossa juventude não passa de uma curta noite (vive-a plenamente, com êxtase!); depois vem a grande “experiência”, anos de compromisso, pobreza de idéias, lassidão. Assim é a vida, dizem os adultos, eles já experimentarem isso. (BENJAMIN, 2007, p. 22).

Ao tecer uma crítica sobre a Pedagogia moderna, que delega obrigações aos alunos desde cedo, desconstrói a ideia do aluno educado dentro de uma instituição, assumindo, o mais breve possível, os compromissos e a seriedade da vida. Deste modo, torna-se no mínimo polêmico ao criticar a Pedagogia utilitarista, que visa uma certa didatização da experiência como sendo a única forma de construir aprendizagens, conhecimentos e

significados (BENJAMIN, 2007).

Benjamin justapõe a infância ao lado da fantasia e da criação e a distancia da razão técnica. Tece considerações a respeito de uma Pedagogia que concebe a criança e a cultura como objetos exclusivos da educação. Além disso, denuncia a falta de liberdade das crianças ocasiona uma supressão do pensamento e da elaboração da experiência, resultando em um desfortúnio.

Uma educação de inspiração benjaminiana questiona os princípios vigentes e propõe uma visão de educação ao contrapelo, ou seja, uma educação em seu contrário. Frente a tais considerações, a educação, na reflexão de Benjamin, não deve corroborar com os automatismos da vida e nem seus periodismos, mas estar favorável a criação de um homem criativo e reflexivo.

Sobre os brinquedos, Benjamin (2007) acusa que, com a explanação da indústria cultural, esses instrumentos que antes eram originados da criação das mãos do homem, passam a ser objetos descartáveis, produzidos em larga escala. Como uma mercadoria voltada para o consumo e lucro, possibilita pouco espaço para a representação e interpretação inédita uma vez que o brincar já não é utilizado de modo artesanal, mas mediado pela produção capitalista.

Uma emancipação do brinquedo põe-se a caminho; quanto mais a industrialização avança, tanto mais decididamente o brinquedo se subtrai do controle da família, tornando-se cada vez mais estranho não só as crianças, mas também aos pais. (BENJAMIN, 2007, p. 92).

Os brinquedos industrializados, nessa perspectiva, impossibilitam a construção e desconstrução que as crianças podem realizar com esses objetos. Muitas vezes tem sido construído para a criança consumir e reproduzir o meio social, dificultando, assim, as possibilidades de criação que pode trazer. Por isso, elege “madeira, ossos, tecidos, argila” como materiais mais adequados na construção de brinquedos para as crianças pela sua capacidade de modelagem e flexibilização (BENJAMIN, 2007, p. 92). Ademais, destaca que os brinquedos, quanto mais fiéis às brincadeiras dos rituais, tradicionais e arcaicas, mais se aproximam da brincadeira legítima por envolverem linguagem.

As brincadeiras pré-conduzidas, nesse sentido, pouco oferecem às crianças a possibilidade do autêntico. É com louvor que Benjamin (2011) se refere aos brinquedos autênticos, produzidos artesanalmente, visto que representam a criatividade e a

potencialidade de envolver a criação.

Nesse contexto, o jogo, a brincadeira e a representação ganham vida, aflorando a imaginação. Sobre isso, nas críticas de Benjamin (2007), o brincar não deve ser concebido do ponto de vista do adulto, mas da própria criança. Para ter a possibilidade da criação do novo, do artístico, deve ser desfrutado a partir do que as próprias crianças conseguem fazer dele, desviando das representações já postas e da superioridade dos mais velhos.

Nessas representações, os jogos, as brincadeiras e o brinquedo ganham vida e a imaginação aflora, compondo uma rede de representações. Para ter a possibilidade da criação do novo, do artístico, as atividades lúdicas devem ser curtidas a partir do que as próprias crianças conseguem fazer delas. Quanto mais próximos as brincadeiras e os brinquedos estão da realidade, mais a imaginação se oculta, pois, frente aos significados dados pela cultura, o sujeito minimiza a capacidade de criar e construir, sobretudo, experiência (BENJAMIN, 2011).

Vale a pena ressaltar que a brincadeira é um momento de refúgio, no qual as crianças se isolam do mundo dos adultos e criam um espaço só delas. Na imaginação dos pequeninos, um pedaço de pau pode virar um cavalo, uma caixa vazia se transformar em uma casa ou um graveto em avião compor preciosas situações de atuação.

Portanto, retomar as considerações de Benjamin sobre os brinquedos antigos e suas mais diversificadas formas de brincar é conveniente, em razão daquilo que pode ser realizado, sem desconsiderar que tanto o futuro como o passado podem ser alterados pela experiência. Na contramão da razão, Benjamin (2007) valoriza os atributos que as crianças dão a objetos aparentemente inutilizados, relevando as riquezas das pequenas ações infantis.

Além de pensar como o homem se relaciona com a experiência, Benjamin (2007) reflete sobre o homem e a linguagem. Salienta, ainda, que a linguagem originalmente surgiu como pura expressão do homem e não significa, necessariamente, aglomerações de palavras. Linguagem, para Benjamin, é pura expressão, mas tem sido usada de modo profano, reduzindo-a como apenas comunicação. Portanto, a linguagem tomada como instrumento secular, de forma utilitarista, é reduzida em suas potencialidades (SOUZA, 1994).

Nos jogos e brincadeiras tradicionais é possível identificar essa linguagem original, a qual o Benjamin nomeia de mimese. Buscando na natureza as formas primitivas de linguagem, esse filósofo destaca que, na mimese, é possível representar as similaridades da natureza. É ao imitar que o homem, de modo ativo, estabelece suas primeiras noções, reconstruindo significados já inseridos. Nesse ponto se difere dos outros animais, que também imitam o que percebem na natureza.

A história evidencia que muitos povos utilizaram ou ainda utilizam a faculdade de representar para compor seus rituais e tradições. Muitos jogos, danças, atividades folclóricas, dentre outras ações, expressam essa condição da linguagem como imitação, recriação e possibilidades de narrativa. Essas práticas culturais evocam a sensibilidade dos homens e abrem espaço para o sublime e, por isso, devem ser valorizadas.

Mas essa utilização da linguagem mimética não é privilégio apenas dos adultos. Nos jogos e brincadeiras, as crianças, e também os adultos, assumem papéis simbólicos e ressignificam a cultura do mundo, compondo suas próprias representações na tradição, na arte, na narração, na escrita e nos signos. Essa interpretação mimética das também inaugura o reencontro do homem com as formas originais de construir linguagem, não se restringindo, apenas, à imitação. Assim, esse mundo de representações faz remanescer a mimese como uma produção artística e sublime de forma autêntica, por isso deve ser valorizada (SOUZA, 1994).

Quando a linguagem é usada de modo a suprimir a essência humana, torna-se apenas um artefato técnico e limitado, torna-se de suma importância propiciar um reencontro dessa liberdade perdida, recuperando suas formas de manifestação e expressão. É possível identificar que essa linguagem verdadeira, posta comum entre as brincadeiras infantis, é utilizada com frequência, retomando a condição histórica e social dos homens.

5 Considerações Finais

Conforme o início desse texto, analisar a infância, a experiência e a educação na atualidade é ação de extrema importância, uma vez que as reflexões, pesquisas e estudos tem sido frequentes em torno dessa temática. Nesse sentido, os pressupostos do filósofo

Walter Benjamin convida-nos a pensar sobre a incapacidade dos homens de construir saberes significativos, minimizando os fatos da vida a vivências irrefletidas envolvendo, também, as crianças pequenas.

Significa, em outras palavras, que a falta de experiência é uma desventura, já que ela insensibiliza o homem frente aos acontecimentos da vida. Posto isso, a experiência não está relacionada ao acúmulo de informações vazias; ao contrário, é o ato de dar sentido a vida transformando-a em um horizonte a ser explorado.

Pensar a experiência na infância, demarcada filosoficamente nas premissas benjaminianas, implica, portanto, considerar a criança protagonista de suas criações realizadas em seus brinquedos e brincadeiras. Isso requer desenvolver um olhar atento e laborioso em buscar compreendê-la a partir de sua lógica, não deixando escapar suas mais diversificadas expressões e manifestações ofuscadas pelo cotidiano.

Supõe, também, considerar que, o brinquedo, original, valoriza a sensibilidade coopera para as crianças ampliarem a imaginação, criatividade e linguagem se aproximando à figura de um artista, que busca tecer representações autênticas em um mundo permeado pelo comum e pela inércia. Nesse sentido, uma educação que leva em conta as considerações de Benjamin favorece que as crianças brinquem e elaborem sua experiência sem um compromisso com a preparação para a vida adulta.

É necessário caminhar na contramão do discurso usual da Pedagogia utilitarista, o qual a criança é concebida, apenas, como sujeito da aprendizagem. Ainda mais, é fundamental procurar, em sua profundidade, compreender a criança como um ser na totalidade e que faz experiência ampliando sua forma de agir e de pensar sobre o mundo.

Considerando essa possibilidade, a infância é o momento oportuno, e também uma potência, para a efetivação da experiência, visto que nela os sujeitos possuem a possibilidade de se representar de forma íntegra, como forma de comunicação e também de expressão. De forma original e autêntica, Benjamin incita a perceber a infância e o brinquedo como um âmbito ainda a ser amplamente explorado e refletido pela educação.

Childhood, Experience and Education Walter Benjamin

Abstract. This article reflects on the childhood, experience and education in Walter Benjamin's perspective. It brings the problematic that the lack of experience can lead to men today, especially children and how they enjoy their childhoods. These questions are relevant when considering that toys and games can be valued in childhood as instruments favorable to the elaboration of experience and composition of language. The methodology used was theoretical test conducted by reading and analysis of Benjamin's texts and their readers. In presenting the contributions of Benjamin, it is concluded that education can contribute to the development of childhood experience favoring times when the kids enjoy their toys and plays in a creatively and spontaneously way.

Keywords. Childhood ; Education; Benjamin; Toys; Play.

Infancia, experiencia y Educación Walter Benjamin

Resumen. Este artículo refleja relativa infancia, la experiencia y la educación en la perspectiva de Walter Benjamin. Trae el problema de que la falta de experiencia puede conducir a los hombres de hoy, sobre todo los niños disfrutan de su infancia. Estas preguntas son relevantes cuando se considera que los juguetes y los juegos pueden ser valorados en la infancia como instrumentos favorables a la elaboración de la experiencia y composición del lenguaje. La metodología utilizada fue el estudio teórico llevado a cabo por la lectura y análisis de textos de Benjamin y sus lectores . En la presentación de las contribuciones de Benjamin, se concluye que la educación puede contribuir al desarrollo de la experiencia de la niñez favoreciendo momentos cuando los niños disfrutan de sus juguetes y chistes de forma creativa y espontánea.

Palabras clave. Infancia; Educación; Benjamin; Juguetes; Chistes.

Referências

BENJAMIN, Walter. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo, a educação.** São Paulo: Summus, 2007.

_____, Walter. Magia e Técnica, Arte e Política. **Obras Escolhidas 1.** Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7 Ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____, Walter. Rua de Mão Única. **Obras Escolhidas 2.** Trad. Torres Filho, R. B. E Martins Barbosa, J, C. São Paulo: Brasiliense, 1995.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira da Educação**, v. 11, n. 19. jan-abr. 2002.

D'ANGELO, Martha. **Arte, política e educação em Walter Benjamin.** São Paulo: Edições Loyola, 2006.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Infância e pensamento. In: GHIRALDELLI JÚNIOR, Paulo.

Infância, escola e modernidade. Curitiba: Cortez, 1997, p. 83-100.

KRAMER, Sônia. Educação a Contrapelo. In: Benjamin pensa a educação. **Revista Educação especial:** biblioteca do professor. v. 7, Editora Segmento, 2008.

LARROSA, J. O Enigma da infância ou o que vai do impossível ao verdadeiro. In: LARROSA, J., LARA, N. P. **Imagens do outro.** Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

MATOS, Olgária. **Tempo sem experiência.** TV Cultura, 08 de junho de 2009. Disponível em: www.cpflcultura.com.br. Acesso: 8 de março de 2011.

SCHLESENER, Anita Helena. Educação e infância em alguns escritos de Walter Benjamin. **Paidéia**, v. 21, n. 48. Ribeirão Preto. jan-abr. 2011.

SOUZA, Solange Jobin. Walter Benjamin: a linguagem como expressão crítica da modernidade. In: **Infância e Linguagem:** Bakhtin, Vygotsky e Benjamin. Campinas, SP: Papyrus, 1994, p. 137-154.

Recebido em maio de 2016.

Aprovado em junho de 2016.